

I-JUCA PIRAMA

EM QUADRINHOS

GONÇALVES DIAS
POR SILVINO

série
clássicos
em HQ


EDITORA
Peirópolis

A história de *I-Juca Pirama* - o drama do guerreiro tupi que rompe um ritual de honra para salvar o pai, sendo depois menosprezado por ele - é uma das mais fortes expressões do indianismo romântico no Brasil.

Seu autor, Gonçalves Dias, tinha boas razões para construir uma obra em que o índio figurasse como herói: filho de mãe mestiça, consta que se orgulhava de ter em suas veias o sangue dos três povos que estiveram na gênese da nação brasileira. Se o fervor nacionalista dava o tom literário do seu tempo, a singularidade do seu nascimento pode ter contribuído para uma escrita intensa e comovente.

De fato, o poema *I-Juca Pirama* já começa em alta temperatura, com o bravo guerreiro tupi esperando para ser devorado. Ao chorar por se lembrar do pai abandonado na floresta, o guerreiro transforma seu canto de morte em canto de amor, rompendo a tradição e sendo desprezado pelo inimigo. Naquela configuração social, a covardia era a mais desprezível das qualidades.

Com este enredo, Gonçalves Dias traz à tona o questionamento de valores como honra e coragem, como também o lugar das emoções num contexto de tradições arraigadas. O quadrinista Laerte Silvino acrescenta ao poema a tonalidade e a atmosfera perfeitas, deixando fluir os versos em imagens econômicas e texto integral.

Luciana Tonelli



I-JUCA PIRAMA

EM QUADRINHOS

GONÇALVES DIAS
POR SILVINO


EDITORA
Peirópolis

Uma relação muito delicada

“I-Juca Pirama” significa, na língua tupi, “o que há de ser morto, o que é digno de ser morto”. Esse foi o título que Gonçalves Dias encontrou para contar, em 10 cantos de versos decassílabos, a história do jovem índio tupi aprisionado pelos timbiras e condenado ao sacrifício.

Segundo os costumes do povo Timbira, um bravo guerreiro deve se submeter ao ritual antropofágico e ser devorado pelos inimigos que o capturaram, oferecendo assim a sua força e a sua coragem para aqueles que comerão a sua carne. No entanto, o prisioneiro chora ao lembrar do pai envelhecido, cego e perdido na floresta, fazendo com que seus inimigos desconfiem de sua coragem e decidam libertá-lo.

Neste *I-Juca Pirama em quadrinhos*, os desenhos do talentoso quadrinista recifense Laerte Silvino colocam-nos em contato direto com o indianismo brasileiro e fazem-nos perceber facilmente o quanto a questão abordada no texto, publicado pela primeira vez em 1851 como parte do livro *Últimos cantos*, é universal e encontra ecos em nossos dias.

Quando pai e filho novamente se encontram, os rumos surpreendentes dessa famosa história do romantismo refletem uma questão presente na vida de todos nós: as projeções que os pais fazem sobre seus filhos, e os filhos sobre seus pais. Esse tema transcende culturas, épocas e países, constituindo-se sempre de momentos de guerra e paz, amor e ódio, orgulho e decepção. “I-Juca Pirama” representa claramente essa difícil questão, e é essa universalidade que o torna imortal em termos artístico-literários.

Os desenhos de Silvino são reveladores. A cor da mata é ligeiramente alterada de acordo com o canto do poema. O texto, que é um exemplo da exploração do ritmo e da musicalidade como um recurso de expressão artística, teve o tamanho de seus versos completamente preservado na versão em quadrinhos. Quando lido em voz alta, é capaz de nos fazer ouvir o som dos tambores que preparam o ritual do sacrifício.

A verdadeira obra de arte é aquela que nos conduz em direção a nós mesmos. O encontro de Laerte Silvino e Gonçalves Dias, ao mesmo tempo que nos leva de volta a um Brasil habitado por tribos de índios em guerra, nos convida a refletir sobre os valores que regem a sociedade nos dias de hoje.

Maurício Soares Filho



NO MEIO DAS TABAS DE AMENOS VERDORES,
CERCADAS DE TRONCOS - COBERTOS DE FLORES,
ALTEIAM-SE OS TETOS D'ALTA NAÇÃO;



SÃO MUITOS SEUS FILHOS, NOS ÂNIMOS FORTES,
TEMÍVEIS NA GUERRA, QUE EM DENSAS COORTES



ASSOMBRAM DAS MATAS A IMENSA EXTENSÃO.







SÃO RUDES, SEVEROS, SEDENTOS DE GLÓRIA,
JÁ PRÉLIOS INCITAM, JÁ CANTAM VITÓRIA,
JÁ MEIGOS ATENDEM À VOZ DO CANTOR:

SÃO TODOS TIMBIRAS, GUERREIROS VALENTES!

SEU NOME LÁ VOA NA BOCA DAS GENTES,
CONDÃO DE PRODÍGIOS, DE GLÓRIA E TERROR!



AS TRIBOS VIZINHAS, SEM FORÇAS, SEM BRIO



AS ARMAS QUEBRANDO, LANÇANDO-AS AO RIO



O INCENSO ASPIRARAM DOS SEUS MARACÁS:
MEDROSOS DAS GUERRAS QUE OS FORTES ACENDEM,
CUSTOSOS TRIBUTOS IGNAVOS LÁ RENDEM,
AOS DUROS GUERREIROS SUJEITOS NA PAZ.





NO CENTRO DA TABA SE ESTENDE UM TERREIRO,
ONDE ORA SE ADUNA O CONCÍLIO GUERREIRO
DA TRIBO SENHORA, DAS TRIBOS SERVIS:

OS VELHOS SENTADOS PRATICAM D'OUTRORA,
E OS MOÇOS INQUETOS, QUE A FESTA ENAMORA,
DERRAMAM-SE EM TORNO D'UM ÍNDIO INFELIZ.

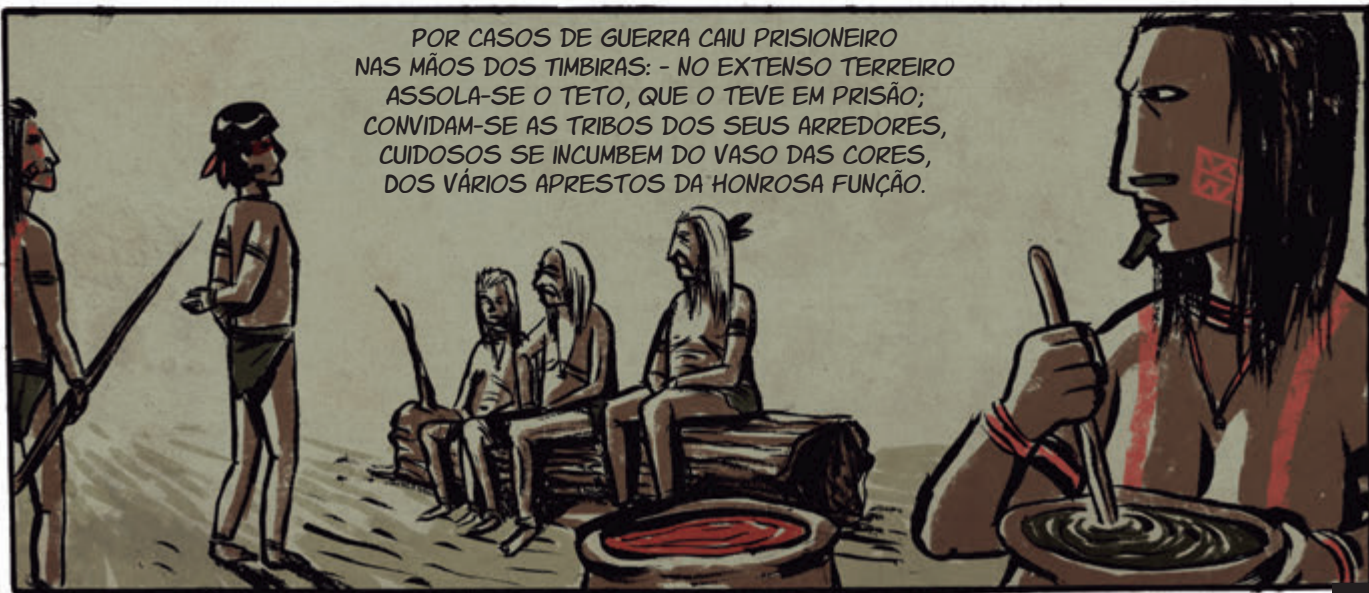


QUEM É? - NINGUÉM SABE: SEU NOME É IGNOTO,
SUA TRIBO NÃO DIZ: - DE UM POVO REMOTO
DESCENDE POR CERTO - D'UM POVO GENTIL;

ASSIM LÁ NA GRÉCIA AO ESCRAVO INSULANO
TORNAVAM DISTINTO DO VIL MUÇULMANO
AS LINHAS CORRETAS DO NOBRE PERFIL.



POR CASOS DE GUERRA CAIU PRISIONEIRO
NAS MÃOS DOS TIMBIRAS: - NO EXTENSO TERREIRO
ASSOLA-SE O TETO, QUE O TEVE EM PRISÃO;
CONVIDAM-SE AS TRIBOS DOS SEUS ARREDORES,
CUIDOSOS SE INCUMBEM DO VASO DAS CORES,
DOS VÁRIOS APRESTOS DA HONROSA FUNÇÃO.



ACERVA-SE A LENHA DA VASTA FOGUEIRA

ENTESA-SE A CORDA DE EMBIRA LIGEIRA

ADORNA-SE A MAÇA COM PENAS GENTIS:

A CUSTO, ENTRE AS VAGAS DO POVO DA ALDEIA
CAMINHA O TIMBIRA, QUE A TURBA RODEIA,
GARBOSO NAS PLUMAS DE VÁRIO MATIZ.

ENTANTO AS MULHERES COM LEDA TRIGANÇA,
AFEITAS AO RITO DA BÁRBARA USANÇA,
O ÍNDIO JÁ QUEREM CATIVO ACABAR:

A COMA LHE CORTAM, OS MEMBROS LHE TINGEM

BRILHANTE ENDUAPE NO CORPO LHE CINGEM,
SOMBREIA-LHE A FRONTE GENTIL CANITAR.

EM FUNDOS VASOS D'ALVACENTA ARGILA
FERVE O CAUIM;

ENCHEM-SE AS COPAS, O PRAZER COMEÇA,
REINA O FESTIM.

O PRISIONEIRO, CUJA MORTE ANSEIAM,
SENTADO ESTÁ,
O PRISIONEIRO, QUE OUTRO SOL NO OCASO
JAMAIS VERÁ!

A DURA CORDA, QUE LHE ENLAÇA O COLO,
MOSTRA-LHE O FIM

DA VIDA ESCURA, QUE SERÁ MAIS BREVE
DO QUE O FESTIM!

CONTUDO OS OLHOS D'IGNÓBIL PRANTO
SECOS ESTÃO;
MUDOS OS LÁBIOS NÃO DESCERRAM QUEIXAS
DO CORAÇÃO.

MAS UM MARTÍRIO, QUE ENCOBRIR NÃO PODE,
EM RUGAS FAZ
A MENTIROSA PLACIDEZ DO ROSTO
NA FRONTE AUDAZ!

Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) nasceu no Maranhão, filho de um comerciante português e de uma mestiça. Teve pouca convivência com sua mãe biológica, pois seu pai abandonou-a e levou-o consigo. Com a morte do pai, ele contou com sua madrastra para ajudá-lo a realizar o projeto de estudar em Coimbra. Em Portugal, precisou contar ainda com a ajuda de colegas para conseguir concluir o curso de Direito. Nessa mesma época tomou contato com a primeira geração do romantismo português, que mais tarde influenciaria seus poemas.

De volta ao Brasil, radicou-se no Rio de Janeiro, onde lecionou latim, história e participou da fundação da revista *Guana-bará*. Nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, voltou para a Europa em missões de estudos e pesquisas. Em seguida desenvolveu a mesma atividade no Brasil, como chefe da Comissão Científica de Exploração que viajou pelos rios Madeira e Negro. Dessas viagens nasceu o *Dicionário da Língua Tupi*, que atesta o seu conhecimento e envolvimento com a cultura indígena.

Da produção poética, seus *Primeiros Cantos* (1847) receberam resenha elogiosa de Alexandre Herculano. “I-Juca Pirama” faz parte dos *Últimos Cantos*, publicados em 1850. Sua obra chegou a ser editada na Alemanha, inclusive o dicionário tupi. Seu poema mais popular - “Canção do exílio” - foi escrito numa viagem à Coimbra em 1862. Gonçalves Dias morreu dois anos depois, aos 41 anos de idade, em um naufrágio próximo à costa maranhense.

Laerte Silvino nasceu em Recife, cursou Geografia e, após viajar muito pelo Brasil, resolveu se dedicar à ilustração e aos quadrinhos, trocando a liberdade das paisagens pelas quatro paredes de seu estúdio. Atualmente ilustra para periódicos, livros infantis, juvenis e didáticos. *I-Juca Pirama em quadrinhos* é seu segundo álbum pela Editora Peirópolis. O primeiro foi Conto de escola em quadrinhos, transposição do conto de Machado de Assis para a HQ. (www.laertesilvino.com.br)



Uma cultura com regras rígidas de conduta.

Um conceito de honra a sustentar.

Um ritual a cumprir.

O fogo. Os tambores. A floresta.

O inimigo. A memória.

O julgamento. A superação.

I-Juca Pirama é um poema de 1851 que contém tudo isso.
Um grande clássico do romantismo brasileiro em quadrinhos
certeiros de Laerte Silvino.

